

**Paládio de Helenópolis e a construção da imagem das devotas pobres na *História Lausíaca*.** Duílio Henrique Kuster Cid - UFES.

### **Introdução**

Nosso trabalho visa a identificar na obra *História Lausíaca*, do bispo de Helenópolis, Paládio, uma nova forma de se conceber a mulher no mundo romano. Até então, as mulheres eram vistas numa posição de inferioridade em comparação ao homem, não só na sociedade pagã como dentro do próprio cristianismo. Com Paládio o que se observa é um tratamento no qual as devotas são reconhecidas como sendo tão importantes quanto os homens para a Igreja.

Nosso estudo nos fez perceber que Paládio encontrava-se dentro de uma grande discussão corrente entre os cristãos nos séculos IV e V no sentido de, tendo em vista a grande disseminação do cristianismo no Império Romano nesse período, buscar uma identidade que caracterizasse o *status* de cristão. O debate encontrava-se polarizado entre uma representação que voltava-se para os antigos ideais ascéticos, compartilhada por bispos como Paulino e Cassiano e uma outra representação que pretendia romper com essa divisão entre ascetas e cristãos comuns na qual, entre os seus porta-vozes, encontram-se bispos como Joviniano e Pelágio (Markus, 1997:26 e ss.).

Tendo em vista o que foi exposto, a nossa hipótese é a de que Paládio realmente apresenta uma nova forma de se conceber a mulher, na medida em que, na obra *História Lausíaca*, as exalta como referência devocional aos demais fiéis, seja condenando-lhes determinadas atitudes seja prestando honra a outras. A mulher, com isso, sai do seu tradicional posto de submissão ocupado na sociedade romana para atuar como referencial de devoção. Entendemos que essa concepção está diretamente vinculada a já enunciada dualidade de representações vigente na época, sendo o bispo de Helenópolis defensor de uma identidade cristã ligada ao ascetismo.

Como instrumental teórico-metodológico, utilizamos a História Cultural que busca, por meio da análise dos mais variados tipos de discurso, captar as formas pelas quais os grupos sociais interpretam a realidade. Nesse caso, daremos ênfase ao conceito de *luta de representações* de Roger Chartier (1990:17), para o qual os grupos sociais, na sua relação uns com os outros, estabelecem determinadas concepções de mundo que funcionam como forma de afirmação política em um contexto marcado pela distribuição desigual do poder, o que nos permitirá entender o lugar ocupado por Paládio nos debates dos séculos IV e V acerca da identidade cristã.

No desenvolvimento do trabalho, julgamos por bem iniciar com algumas informações acerca da vida e obra de Paládio a fim de permitir uma melhor compreensão da base documental a ser analisada. Em seguida, apresentaremos o contexto da luta de representações envolvendo o conceito

de identidade cristã vigente entre o final do século IV e início do V. Por fim, demonstraremos a forma como o autor se vale das devotas pobres como modelos de devoção.

### **Vida e obra de Paládio**

O bispo de Helenópolis, Paládio, nasceu na Galácia, em 368. A data de sua morte é imprecisa, mas acredita-se que tenha ocorrido em torno de 431. Ele tornou-se monge aos vinte anos, indo habitar no Monte das Oliveiras, na Palestina, onde permaneceu por três anos. Após esse período, seguiu para o Egito, travando contato com os famosos monges egípcios e permanecendo entre eles por nove anos, tendo como mestre espiritual Evágrio Pôntico. Posteriormente, viria a conhecer os monges do deserto da Nítria, Tebaida e Ceta.

A vida monástica de Paládio encerra-se em 399, quando morre Evágrio. Paládio decide, então, retornar à Ásia Menor. No caminho, conhece ainda os movimentos monásticos de Alexandria e da Palestina. Quando chega à Bitínia, é ordenado bispo de Helenópolis por João Crisóstomo. Em 420, escreve sua principal obra, *História Lausíaca*, sob encomenda de Lauso, um alto oficial da corte de Teodósio II (408- 450) interessado nos ensinamentos dos antigos ascetas cristãos (Fortescue, 1999:s/p).

Nessa obra, o autor faz um registro da vida dos monges e ascetas do Egito e da Palestina na forma de relatos e pequenas biografias, dentre os quais uma parcela significativa refere-se ao período de governo de Constâncio II (337-361). Muito embora a maior parte dos protagonistas sejam homens, diversos casos narrados por Paládio incluem mulheres dos mais variados estratos sociais.

Passemos agora a uma análise do contexto histórico no qual foi produzida a obra a fim de percebermos a luta de representações envolvendo a identidade cristã nesse período.

### **Contexto histórico**

Para Markus (1997:37 e ss.), no final do século III, os cristãos caminharam ainda mais rumo à aceitação dos valores e da cultura de seus contemporâneos pagãos, assimilando a sua cultura, estilos de vida e educação. Essa cristianização da sociedade romana teria privado os cristãos de uma identidade claramente discernível e, dessa forma, em meados do século IV pouca coisa distinguia um cristão de seu compatriota pagão.

Tal quadro obrigou os cristãos a uma busca de identidade que seria, conforme observou Chartier (1990:17), uma tentativa de afirmação política entre grupos sociais distintos, no caso, envolvendo cristãos e pagãos, num contexto marcado pela distribuição desigual do poder. Essa

busca de identidade acabou por gerar, contudo, uma luta de representações entre os próprios cristãos. Segundo Markus (1997:34 e ss.), teriam surgido duas principais correntes envolvidas com a concepção de identidade cristã: uma, liderada por bispos como Paulino e Cassiano, que acreditava que ser cristão implicava em algum tipo de renúncia ascética e outra, constituída por bispos como Joviniano e Pelágio, que era contra essa visão por entender que isso implicaria na constituição de uma elite ascética.

Para entender-se tal polaridade de representações é fundamental que se tenha em mente a análise de Bourdieu (1995:183-4) referente à constituição de seitas dentro de determinado campo político. De acordo com o autor, todo agrupamento político estaria potencialmente fadado a ser fragmentado numa miríade de minúsculas seitas que reivindicariam para si um caráter de *pureza* manifestado no seu apego às idéias mais puras e radicais.

No caso em que nos propomos a analisar, observamos que a representação que identifica o cristianismo com a renúncia ascética funciona, na verdade, como uma seita que, frente a uma Igreja que tornava-se cada vez mais rica, prestigiosa e privilegiada, afirmava o propósito de retomar para a estrutura eclesíástica um pouco da *pureza* que havia possuído durante a época heróica dos mártires (Markus, 1997:34). Já a concepção de identidade cristã que discorda dessa dependência para com a renúncia ascética, entendia que tal relação levaria a uma cisão no interior da Igreja o que, posteriormente, acabaria por gerar um enfraquecimento do próprio cristianismo.

Entre os bispos que compartilham da primeira concepção de identidade cristã, podemos citar Paulino, para quem (...) o *ascetismo viria a ser a marca de um cristianismo autêntico numa sociedade em que ser cristão não mais precisava fazer qualquer diferença na vida de uma pessoa* (Markus, 1997:46). Já Cassiano pensa o monacato enquanto protesto contra uma Igreja que se desgarrou de sua vocação, e que o único lugar para a verdadeira realização cristã estaria fora de sua estrutura social, no deserto (Markus, 1997:169).

Já com relação aos bispos que apresentavam a segunda visão, observamos que para Joviniano, os ascetas não deveriam ser entendidos enquanto uma elite espiritual na comunidade cristã (Markus, 1997:50). Já Pelágio afirmava: *eu digo e repito, em matéria de retidão todos temos as mesmas obrigações: virgens, viúvas e mulheres casadas, homens de classe alta, média e baixa, são igualmente obrigados a obedecer aos mandamentos* (Markus, 1997:52).

Dentro dessa luta de representações, é fundamental perceber o valor dado pelo conjunto de bispos que relacionam identidade cristã com prática ascética a determinados símbolos que caracterizam o ascetismo. Bispos como Jerônimo e Paulino, por exemplo, entendiam que o monge deveria ser distinguível pela veste, o modo de vida, a alimentação e a aparência externa (Markus, 1997:48). Tendo por base Falcon (2002:46), para quem *a imagem simbólica é a transfiguração de uma representação concreta através de um sentido abstrato*, entendemos que os símbolos de

devoção valorizados por esses bispos funcionam como abstrações que permitem representar o ascetismo.

É com base nessas considerações que partimos para a análise da obra *História Lausiaca*, entendendo que as mulheres pobres apresentadas por Paládio compartilham de determinados símbolos devocionais como o martírio, a virgindade e o monacato, e que elas são tratadas como referência para os demais fiéis

### **Martírio**

O primeiro símbolo que destacaremos será o martírio. No capítulo III da *História Lausiaca*, o autor nos apresenta o caso de Potamiana. A protagonista da história era a escrava de um certo homem que constantemente tentava seduzir-lhe. Tendo falhado na sua intenção, ele enviou-a, sob a alegação de perturbação da ordem, ao prefeito de Alexandria, sugerindo que fosse punida caso insistisse em viver fiel à sua moral religiosa. Ela então é levada ao tribunal e como se negava a ceder aos desejos de seu patrão é condenada à morte, sendo imersa lenta e gradualmente num caldeirão de piche fervendo.

O capítulo V refere-se à Alexandra. Nessa história, a protagonista, temendo que um homem que por ela estava apaixonado viesse a praticar algum ato impensado diante de sua recusa, resolve trancar-se num túmulo, passando a viver aí por dez anos, tendo contato com o mundo exterior apenas por uma pequena abertura por meio da qual recebia alimentos.

O que podemos perceber nessas histórias é que Paládio apresenta essas mulheres como modelos de devoção a serem seguidos. No caso, o tema que envolve as duas histórias é o martírio, observando-se que as duas mulheres suportaram as mais terríveis provações em nome da sua devoção.

### **Virgindade**

A continência sexual é, para Paládio, um valor de extrema relevância, tendo aparecido em praticamente todas as histórias que estamos analisando, tanto direta quanto indiretamente. Na forma indireta, observamos menção ao estado virginal nos capítulos XXXIII, *As monjas de Tabenese*; XXXIV, *a monja que fingia loucura*; LIX, *Ama Talis e Taor*; LX, *Cólito*; LXIII, *A virgem e Atanásio* e LXIV, *Juliana*.

A virgindade é tratada especialmente em dois capítulos. No capítulo XXVIII, intitulado *A virgem que caiu*, Paládio nos narra a história de uma virgem que, após anos de vida ascética, acaba por pecar ao receber um homem.

No capítulo LXIX, intitulado *A devota que caiu*, Paládio nos apresenta a história de uma devota que após ter vivido asceticamente por quase dez anos, acabou sendo seduzida por um homem, concebendo-lhe um filho. Tendo se arrependido, ela implora a Deus para que lhe retire o filho, que ela interpreta como símbolo de seu pecado, e acaba sendo ouvida, pois seu filho morre pouco tempo depois. A partir de então, ela passa a se dedicar ao cuidado dos doentes e necessitados.

Analisando os dois capítulos, observamos que o autor se vale da virgindade para discutir o grau de pureza do ascetismo praticado pelos fiéis. No capítulo XXVIII, por exemplo, o autor afirma que a virgem "caiu". Isto é, ela abandonou o estágio de pureza assegurado por sua virgindade e manteve relações com um homem. Paládio nos diz que tal queda deveu-se a sua excessiva arrogância.

Tal temática se repete no capítulo LXIX. O autor novamente nos fala de uma devota que "caiu", isto é, abandonou seu estado virginal tendo relações com um homem e desse engravidando. O diferencial dessa história está, entretanto, na ênfase dada pelo autor ao arrependimento dessa devota. Tal retratação teria se realizado de uma forma tão intensa e honesta que a protagonista teria recebido o perdão de Deus e retornado ao seu estado de pureza anterior, manifestado pela morte de seu filho, símbolo da relação sexual por ela praticado. No final do capítulo o autor expressa claramente que sua intenção ao escrever tal história era a de ressaltar o valor do arrependimento.

Percebe-se daí que Paládio deixa transparecer seu desejo de retorno a uma prática ascética mais honesta, mais devota e, conseqüentemente, a um cristianismo mais verdadeiro, tendo em vista a sua corrupção pela sociedade da época. O autor se preocupa mesmo em apontar um caminho para tal realização. Ao ressaltar o valor do arrependimento, ele assinala a possibilidade de uma retomada de consciência dos cristãos de sua época.

### **O movimento monástico**

No capítulo XXXIII, intitulado *As monjas de Tabenese*, o autor nos apresenta um fato ocorrido num monastério feminino de 400 membros. Nesse local, uma monja, contando com a ajuda de algumas outras, inventou uma história sobre uma colega, segundo a qual essa teria se encontrado com um homem às portas do monastério. No desenrolar da história a monja acusada se suicida, assim o fazendo também a acusadora. Posteriormente, quando surge o clérigo responsável pelo monastério, as demais monjas lhe contam o ocorrido e ele então resolve separar da comunidade por sete anos aquelas que haviam participado da calúnia.

Nessa história, o autor demonstra novamente a sua preocupação com a prática devocional. No caso, ele alerta para a existência de fiéis pertencentes ao movimento monástico que muitas vezes não estão nessa condição por opção. A história mostra um grupo de monjas que foge

completamente ao que se espera de alguém que se entrega ao monacato, como a busca de uma pureza do cristianismo, uma vez que elas se associam à calúnia, à farsa e a maldade.

No capítulo XXXIV, intitulado *A monja que fingia loucura*, observamos uma história passada nesse mesmo monastério. Paládio afirma que aí habitava uma monja que fingia loucura e possessão pelo demônio. Todas do monastério a odiavam. O autor nos mostra, a partir de então, um diálogo ocorrido entre um anjo e o anacoreta Pitério, asceta de alta reputação, no qual aquele interroga esse sobre sua devoção e afirma existir num monastério feminino uma monja muito mais devota do que ele.

Pitério se dirige ao monastério feminino e pede para ver todas as monjas. Todas lhes são apresentadas com excessão de uma que as demais afirmavam que era louca. Ele então solicita que também lhe levem essa monja. Ele a encontra e, atirando-se a seus pés, revela a todos que aquela virgem era santa.

Antes de analisarmos tal história gostaríamos ainda de citar uma outra, na qual percebemos que a mesma temática se repete. No capítulo LIX, intitulado *Ama Talis e Taor*; Paládio nos descreve o modo de vida de uma monja que habitava num monastério na cidade de Antino. Taor é descrita como sendo uma monja extremamente simples, que apenas se vestia com trapos, rejeitando qualquer tipo de vestuário novo, seja sapatos ou roupas. Além disso, o autor ainda ressalta que enquanto as demais saíam aos domingos para comungar na Igreja, ela permanecia no monastério, concentrada no seu trabalho.

O que se encontra por trás dessas duas histórias é um apelo à simplicidade para o movimento monástico. No primeiro caso, observamos que uma monja que destoava de todas as demais quanto aos seus hábitos, vestindo-se em trapos, alimentando-se de migalhas, é considerada santa. A outra monja, Taor, é exaltada, da mesma forma, por sua simplicidade e devoção. Vestia-se o mais simples possível e optava por permanecer no monastério aos domingos trabalhando. O autor ressalta que como era bela, era somente a sua devoção e simplicidade que impediam que ela abandonasse seu estado de pureza.

### **Conclusão**

O que podemos perceber é que Paládio realmente apresenta uma nova forma de se conceber a mulher no mundo romano. Ao invés de um estatuto de submissão e inferioridade, o elemento feminino aparece agora em primeiro plano, servindo de referência devocional para todos os demais fiéis.

Tal atitude por parte de autor deveu-se ao fato de o mesmo encontrar-se inserido na luta de representações vigente na sua época. Observamos que ele compartilhava da visão segundo a qual o cristianismo deveria buscar sua identidade nos antigos ideais ascéticos.

Dessa forma, Paládio, valendo-se da história de algumas devotas, exalta determinados símbolos que representariam esse cristianismo voltado para os ideais ascéticos, como o martírio, a virgindade e o monacato. Além disso, o autor possui a preocupação de discutir temas que também estariam em estreita ligação com sua concepção de identidade cristã, como a importância de uma prática ascética honesta e a necessidade de um retorno à simplicidade no movimento monástico.

### **Referências Bibliográficas**

#### **1) Documentação primária impressa:**

PALLADIUS. **The Lausiac history**. Translated by W. K. Lowther Clarke. London: The Macmillian Company, 1918.

#### **2) Obras de apoio:**

BOUDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995, p. 163 -207.

CHARTIER, R. **A história cultural**. Lisboa: Difel, 1990.

FALCON, F. J. C. História e Representação. In: CARDOSO, C. F. & MALERBA, J. (Org). **Representações: contribuição a um debate interdisciplinar**. São Paulo: Papyrus, 2000, p. 41-79.

FORTESCUE, A. Palladius. In: THE CATHOLIC ENCYCLOPEDIA, v. XI, 1999. Disponível: <http://www.newadvent.org>.

MARKUS, R. A. **O fim do cristianismo antigo**. São Paulo: Paulus, 1997.